

**NÃO SOMOS “PORTUGUESES DE SEGUNDA”: O ESTABELECIMENTO DE IDENTIDADES MEDIADAS PELA IDEALIZAÇÃO DA METRÓPOLE E DA COLÔNIA<sup>1</sup>**

**WE ARE NOT “SECOND CLASS PORTUGUESE CITIZENS”: THE ESTABLISHMENT OF IDENTITIES MEDIATED BY THE IDEALIZATION OF THE METROPOLIS AND THE COLONY**

*Viviane Souza Madeira<sup>2</sup>*

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.150000

**RESUMO:** Este artigo visa discutir a questão da libertação das colônias portuguesas em África e na Índia a partir de dois romances de perspectiva portuguesa: *A casa-comboio* (2010), de Raquel Ochoa, e *O retorno* (2013), de Dulce Maria Cardoso. A partir de um aporte teórico pós-colonial que compreende temas como a mímica (BHABHA, 1998), o racismo (FANON, 2008) e as identidades do colonizado e do colonizador (MEMMI, 1989), observamos, especialmente, como a memória e o esquecimento, assim como o que é dito e o que não é dito pelas personagens, contribuem para a construção de uma idealização acerca da metrópole e da colônia. Tal construto está imbricado também na identidade dessas personagens e revela as contradições criadas pelo sistema colonial português.

**ABSTRACT:** This article aims to discuss the Portuguese colonies in Africa

---

<sup>1</sup> Trabalho elaborado no âmbito do Projeto Temático (FAPESP, Proc.).

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Literatura Portuguesa (FFLCH - USP) e bolsista CNPq. E-mail: vs.madeira@usp.br.

and in India from the perspective of two Portuguese novels: *A casa-comboio* (2010), by Raquel Ochoa, e *O retorno* (2013), by Dulce Maria Cardoso. In order to accomplish that, we adopted a post-colonial point of view that encompasses topics such as the mimic (BHABHA, 1998), racism (FANON, 2008) and colonizer and the colonized's identities (MEMMI, 1989). We observe that memory and oblivion, as well as what is said and what is left unsaid by the characters contribute to the construction of an idealization concerning the metropolis and the colony. Such construct and these characters' identities overlap and reveal the contradictions caused by the Portuguese colonial system.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade; Colonialismo; Luanda; Goa.

**KEYWORDS:** Identidade; Colonialism; Luanda; Goa.

## **Introdução**

**E**duardo Lourenço (1992) afirma que a literatura (bem como as outras formas artísticas) se tornou um veículo de “acerto de contas” com a história e, tal como o paciente em terapia, passou-se a narrar e ficcionalizar os acontecimentos de sua história com vistas a organizar a experiência e lidar com os seus traumas individuais. No entanto, quando o assunto é a superação no nível coletivo, ou seja, historiográfico, Fernando Tavares Pimenta (2011, p.153) comenta que a descolonização portuguesa conta com pouca literatura historiográfica, “situação que contrasta com a relativa abundância de literatura não científica sobre a matéria”.

Tendo em nosso horizonte a produção de literatura não-científica a respeito da descolonização, optamos por analisar excertos de dois romances escritos em Portugal sobre as ex-colônias na Índia e em África: *A casa-comboio* (2010), de Raquel Ochoa, e *O retorno* (2013), de Dulce Maria Cardoso.

*A casa-comboio*, escrito pela autora portuguesa Raquel Ochoa, narra a história da família Carcomo, residentes das colônias portuguesas na Índia, nomeadamente Goa e os enclaves de Damão, Diu, Nagar-Aveli e Dadrá. Conta a história da família desde o século XIX ao século XXI. A certa altura da narrativa, em 1961, na ocasião da tomada pelos indianos dos territórios dominados pelos portugueses, a família “retorna” a Portugal, mesmo sem nunca ter estado no país. Já o romance *O retorno* relata os acontecimentos que se seguem à partida de África para Portugal da família do adolescente Rui, um “retornado” vivendo na metrópole na década de 70 em um hotel com tantos outros como ele.

Tendo em vista que os dois romances tratam da temática da volta a Portugal, analisaremos brevemente três temas que nos parecem de suma importância para compreender melhor a representação da identidade desses indivíduos: (i) qual o lugar dessas personagens na metrópole? (ii) qual memória as personagens têm da metrópole enquanto ainda estão na colônia e qual memória têm da (ex) colônia enquanto estão na metrópole? e (iii) quais silêncios e cisões presentes nas duas narrativas contribuem para a construção de identidades específicas.

### **A identidade, o não-pertencimento, a idealização da metrópole frente à derrocada do Império**

Margarida Calafate Ribeiro (2012, p. 89) aponta para um dado extremamente relevante a respeito da construção da nova democracia portuguesa – a relevância da memória e do esquecimento:

*Hoje, à distância de quase 40 anos do 25 de Abril de 1974, é possível reflectir sobre os modos, os processos e o tempo que demorou à sociedade portuguesa negociar o que se deveria esquecer e o que se deveria recordar – da ditadura, de África, da Guerra Co-*

*lonial – para, sobre este pacto de esquecimento e recordação, inventar uma possível democracia no tempo prescrito de eleições e outros urgentes processos que compõem o corpo social e político dos sistemas democráticos ocidentais. Memória e não memória, silêncio, trauma, recalçamento, mas também exaltação, imaginação, invenção e novidade são assim alguns dos pressupostos sobre os quais se ergueu a nossa jovem democracia, nascida sobre uma revolução imaginada como pacífica, esquecendo assim, de um só golpe, todo o sangue de África que ela continha. (RIBEIRO, 2012, p. 89)*

Assim, a memória das ex-colônias permanece como elemento perturbador da identidade portuguesa e a presença daqueles que são chamados de retornados é um elemento que traz à tona, na metrópole, a lembrança do passado grandioso e a dolorosa consciência da subalternidade atual.

Nesse sentido, como ambos os romances tratam de narrar memórias familiares, podemos avaliar de que maneira essas narrativas passam de “formas individuais a formas coletivas de memória e identidade” (CANDAUI, 2014, p. 11), ou seja, como as memórias da colônia e da metrópole narradas pelos personagens retornados modelam as suas identidades.

*O Retorno* já inicia com a família de Rui se preparando para abandonar Luanda, em 1975, em virtude da descolonização e da instabilidade política que causaria mais tarde, uma guerra civil. Apesar do momento de grande convulsão social e incertezas, Rui tinha esperanças de que “1975 ia ser um ano bom, se calhar o melhor de nossas vidas, íamos deixar de ser portugueses de segunda, o futuro era aqui [Luanda], o pai estava certo apesar dos chaimites e dos tiros”. (CARDOSO, 2013, p. 30)

Há aqui alguns elementos importantes a serem assinalados: a esperança de Rui no futuro (“1975 ia ser um ano bom”), ignorando todos os indícios presentes que sugerem um destino muito mais difícil que o imaginado pelo narrador (“apesar dos chaimites e tiros”) e confirmado pela própria narrativa

(a maneira como deixam Angola, o pai preso, a precariedade da vida na metrópole). Soma-se a isso, o desejo de deixar de ser um “português de segunda”, mostrando que tem a consciência de uma diferença entre aqueles que estão em Angola e os da metrópole.

A despeito de serem “portugueses de segunda”, usufruem de um *status* na colônia que, de acordo Albert Memmi (1989, p. 26-27), provém do lucro, do privilégio e da usurpação. Memmi, então, questiona se é possível falar de privilégios no que concerne à força de trabalho composta por europeus na colônia (categoria em que o pai de Rui se encaixa) e os chama de “pequenos colonizadores”, uma vez que defendem o sistema com empenho, porque obtém privilégios dele. Entretanto, há aí uma mistificação: “para defender seus interesses muito limitados, defende outros infinitamente mais importantes, dos quais é, aliás, a vítima” (1989, p. 26-27) que é observada pela personagem Faria quando comenta o fim da colonização:

*O Faria continua, parece um rádio sempre ligado, a descolonização não foi má para a toda gente, por maior que seja a tragédia há sempre quem se aproveite e houve muitos que se aproveitaram e que vivem aqui melhor do que lá, e não estou a falar dos pretos que lá viviam nos musseques e que agora estão nos hotéis, estou a falar de brancos que roubaram o que puderam [...].*  
(CARDOSO, 2013, p. 198)

É possível observar também uma espécie de trajeto rumo à tomada de consciência dessa mistificação em *O retorno*, muito embora ela não se realize de maneira pacífica, pois Rui e tantos outros retornados acabam por ter uma vivência ambígua na metrópole. Recusados pelos metropolitanos, os retornados sentem na pele a violência que impingiam aos negros quando ainda viviam nas colônias. É nesse momento que a mímica que os retornados (ou pequenos colonizadores) fazem do colonizador metropolitano cai por terra.

Homi Bhabha (1998) caracteriza a mímica do comportamento do colonizador como:

*[...] o desejo de ver o Outro reformado, reconhecível como sujeito de uma diferença que é quase a mesma, mas não exatamente. O que vale dizer que o discurso da mímica é construído em torno de uma ambivalência; para ser eficaz, a mímica deve produzir continuamente seu deslizamento, seu excesso, sua diferença [...] A mímica emerge como a representação de uma diferença que é ela mesma um processo de recusa. A mímica é, assim, o signo de uma articulação dupla, uma estratégia complexa de reforma, regulação e disciplina que se apropria do outro para visualizar o poder. (BHABHA, 1998, p. 130)*

Muito embora a violência implícita na mímica tenha servido a Rui, sua família e outros retornados quando ainda estavam em Angola, o quadro muda de figura no momento que passam à condição de retornados. Na metrópole, a mímica não funciona: eles não são vistos como portugueses e, apesar de serem brancos, são tratados da mesma forma que os negros eram tratados por eles. Podemos verificar isso no episódio em que Rui é expulso da sala pela professora de matemática. Ela separa os alunos em duas filas, a de portugueses e a de retornados. Distribui os garotos vindos das ex-colônias nos piores lugares da sala e afirma que estão “mais atrasados” em relação às crianças da metrópole (CARDOSO, 2013, p. 139-143). Rui sente na pele a inferiorização imposta aos negros de Angola pelos colonizadores e percebe que suas roupas, a tez bronzeada e a maneira de falar e agir denunciam seu *status* de não-metropolitano:

*Estar na metrópole é ainda pior para as raparigas, os rapazes de cá não querem namorar com as retornadas. Se for para gozar está bem mas para namorar não, os rapazes de cá dizem que as*

*retornadas lá andavam com os pretos. E as raparigas de cá não querem ser amigas das retornadas para não serem faladas, as retornadas têm má fama, usam saias e fumam nos cafés.* (CARDOSO, 2013, p. 143)

No trecho acima, percebe-se como a vivência da diferença se dá para as meninas, alheias ao convívio social das portuguesas e hipersexualizadas. O próprio Rui e os outros meninos assim agiam com Fortunata em Angola ao dizer que ela somente servia para passar o tempo e que não beijava tão bem quanto as moças brancas. Agora, Milúcha, Rute e tantas outras meninas retornadas são rejeitadas por portugueses da mesma forma que Fortunata era rejeitada por Rui, Gegé e Lee. Frantz Fanon, em *Peles negras, máscaras brancas* (2008, p. 58), discorre acerca das relações entre homens brancos e mulheres negras e diz:

*Todas essas mulheres de cor, desgrenhadas à caça do branco, esperam. E, certamente um dia desses se surpreenderão não querendo mais se atormentar, mas pensarão ‘em uma noite maravilhosa, um amante maravilhoso, um branco’. Porém também elas talvez compreendam um dia ‘que os brancos não se casam com uma mulher negra’.* (FANON, 2008, p. 58)

Em razão disso, a idealização da metrópole onde as raparigas usavam “cerejas como brincos” desmorona. Rui percebe que sua esperança era vã e isso se dá pela sua experiência e por meio da fala de outros personagens também – a tristeza de Milúcha ao ser rejeitada por ser retornada, a dificuldade dos moradores do hotel em conseguir emprego, a desilusão por terem perdido tudo pelo que trabalharam em África e até mesmo o suicídio do Sr. Flávio, um dos vizinhos da família. Ali, eles são como os colonizados em Angola e não tem poder algum.

Depois de uma série de frustrações com a imagem da metrópole que

havia feito enquanto estava em Angola, Rui passa a olhar para o passado e para Angola como um tempo e um lugar idílicos, tendo Portugal como sua antítese. Assim, a saudade do tempo passado e glorioso português é, de certa feita, também uma característica do retornado, já que ele também deseja voltar para o tempo em que o Império se mantinha, em que ele não precisava estar na metrópole, mas na colônia, onde tinha seus privilégios garantidos.

Se n’*O Retorno* há um confronto das identidades de “pequeno colonizador” em Angola e de retornado em Portugal, caracterizando uma ambiguidade na formação da identidade, em *A casa-comboio*, de Raquel Ochoa, é possível observar que esse embate se dá no campo da nacionalidade. Há um processo de alienação que se dá por meio de um processo de interiorização da inferioridade. Entretanto, isso ocorre a partir da naturalização do conteúdo ideológico que afirma que a colônia é a metrópole:

*Pai, Portugal é longe?*

*Oh que disparate! Portugal é aqui – respondeu-lhe Honorato.*

*Sim, eu sei, mas se Portugal é aqui, por que é que Portugal é tão longe?*

*[...]*

*Então mas não estou a perceber: se aqui é Portugal, onde é que é a Índia – perguntou de novo o garoto ao pai.*

*Bem, isto é Portugal dentro da Índia. Escuta agora que é importante.*

*Hummm... – fez Rudolfo, mais confuso que nunca. (OCHOA, 2010, p. 77)*

O uso da ideologia de Estado para manter a colônia sob controle causa certa confusão em Rudolfo, mas, ao longo da diegese, essa ideologia se arraiga tanto na consciência das personagens e na construção da identidade da família, que tanto pai como filhos sonham em conhecer Portugal, ver o Tejo, o Alentejo.

Do ponto de vista de Honorato e a partir da resposta que ele deu à pergunta do filho, é como se houvesse de fato uma unidade ou harmonia entre as populações das colônias portuguesas na Índia, como se as colônias fossem um lugar de equilíbrio identitário e político – inclusive em sua relação identitária com a metrópole.

Essa ambiguidade, no seio da formação da identidade, é explicada por Homi Bhaba (1998) como um lugar pós-colonial em que dois conjuntos de valores homogêneos se encontram e entram em conflito. O resultado dessa imbricação foi denominado pelo autor como “terceiro espaço” ou, ainda, como o estabelecimento do hibridismo.

A questão de emigrar aqui é interessante: como se consideram portugueses, sair das colônias portuguesas na Índia com a intenção de viver em Portugal não era visto como uma emigração, mas como uma mudança dentro de um mesmo estado, dando uma continuidade à identidade anterior. Baltazar mesmo menciona, “Mas isto não é emigrar, emigrar era irmos para... para os Estados Unidos! Não lhe explicaram isso?” (OCHOA, 2010, p.263). Goa, agora tomada por indianos, não era mais Portugal na Índia, logo a solução seria “retornar” a Portugal e não emigrar.

A partir de então, a ilusão da identidade nacional portuguesa é confrontada com a existência do outro e o reconhecimento do outro em si. Baltazar percebe que, em Portugal, “cada um não olhava de facto para o outro”, mas “para si através do outro” (OCHOA, 2010, p.273). Talvez, haja na fala de Baltazar uma descoberta: quando os outros o olham, veem nele o que eles não são. O personagem acha isso estranho, caricato e burlesco, provavelmente porque, ao olhar o homem da metrópole a partir da mesma perspectiva, ele veja quão grotesca é sua mímica do português da metrópole.

Clara, a filha de Baltazar já nascida em Portugal, sonha com a Índia, assim como fazia seu avô quando sonhava com Portugal. Ambos idealizam o local que consideram ser sua origem. Ele vê Portugal com o olhar de um goês

que busca ser reconhecido pelo colonizador, enquanto ela enxerga a Índia com o olhar embotado dos mitos orientalistas acerca daquele país. Por mais que Clara tente “compor” sua identidade familiar indo-portuguesa a partir das memórias dos seus pais e de seu avô, a tarefa se torna impossível.

Apesar da decepção do avô e do pai de Clara com a vida em Portugal e com o fato de não serem portugueses, apesar de sempre terem se identificado como tal, o retorno à Índia é algo que também ficou nesse passado de perdas. Não vale mais a pena remexer nisso, sendo melhor tentar esquecê-lo.

O silêncio dos pais a respeito da Índia e de seu passado também é motivado pela participação de Baltazar nos combates em Angola e na Guiné, onde fica até que uma “granada rebente muito perto de si, causando-lhe problemas auditivos e cardíacos irreversíveis” (OCHOA, 2010, p. 280). Assim como no relato de algumas das esposas de ex-combatentes no documentário *Quem vai à guerra* (2011), de Marta Pessoa, a mulher de Baltazar, Efigénia, casa-se por procuração. Depois do retorno a Portugal, Baltazar se torna uma pessoa

*frágil, desestabilizada pelas suas próprias memórias. Os pesadelos que em tempos de criança e adolescente eram povoados por búfalos de duas cabeças sob o dilúvio das monções, passaram a ser diagnosticados com um estranho nome: estresse pós-traumático de guerra.* (OCHOA, 2010, p. 282)

Tal e qual Clara, Rui tenta preencher os silêncios deixados pelo pai a respeito do tempo em que passou preso. No entanto, o silêncio das cicatrizes de seu pai traz à tona não só o que ele pode ter sofrido enquanto estava na prisão, mas retoma a dor da sua ausência e toda a vivência de não-pertencimento da família na metrópole. Faz também com que Rui rememore o dia da perda do pai e da perda da esperança em um futuro melhor, longe daquela Angola afastada não só espacialmente, mas temporalmente, configurando um trauma, uma cisão.

Nem todas as memórias familiares podem ser negociadas para fazer parte da identidade familiar do presente, principalmente quando essas memórias estão ligadas a algum tipo de trauma – no caso dos Carcomo, o da chegada da União Indiana à Goa, Damão e Diu, a participação de Baltazar nas guerras de libertação das colônias e a consciência de que não eram vistos como portugueses em Portugal. Ao se tratar da família de Rui, verifica-se que o abalo consiste não só em deixar Angola, mas em perceber que os privilégios assegurados por seu *status* de “pequeno colonizador” não lhes garante nada na metrópole. Muito pelo contrário, os coloca na mira daqueles que optam por culpar os retornados pelo fracasso do Império. Destarte, narrar essas memórias, seria reviver todas essas cisões.

Por mais que os silêncios causados pela descolonização sejam perturbadores, ambos os romances apontam para um horizonte de esperança – a nova geração que busca, em *A casa-comboio*, uma volta às origens afim de se reconciliar com o passado, no qual Portugal e Índia eram “motivo de encontro e recomeço” (OCHOA, 2010, p. 333). Enquanto isso, a volta do pai em *O Retorno* traz consigo a expectativa de que é possível construir um futuro próspero na metrópole.

## Conclusão

Apesar de nos trazerem finais conciliadores que pressupõem uma harmonia e estabilidade impossível num universo tão ambíguo como é o contexto pós-colonial, os romances buscam mostrar o Próspero que está em Caliban e o Caliban que está em Próspero, como sugere Boaventura de Sousa Santos, em seu texto *Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-Colonialismo e Interidentidade* (2003). Aí, o autor comenta que há, na experiência do colonialismo português, a ambivalência e a hibridez entre colonizador e colonizado e sugere que o papel da crítica é “distinguir as formas de ambivalência e hi-

bridação que efetivamente dão voz ao subalterno daquelas que usam a voz do subalterno para silenciá-las” (p. 26). Nesse sentido, é possível afirmar que tanto Raquel Ochoa quanto Maria Dulce Cardoso têm sucesso, pois indicam as contradições das identidades formadas no seio do sistema colonial português, mediadas pelo mito do passado grandioso de Portugal e realizam um acerto de contas com a história: dão voz ao silêncio gerado pelo trauma.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- CARDOSO, Maria Dulce. *O retorno*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2013.
- FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- MEMMI, Abert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- OCHOA, Raquel. *A casa-comboio*. Lisboa: Gradiva, 2010.
- PIMENTA, Fernando Tavares. Descolonização portuguesa: estado da arte, problemáticas e fontes. *Estudos Séc. XX*, [s.l.], n. 11, p. 151-166, 2011. Coimbra University Press. <[http://dx.doi.org/10.14195/1647-8622\\_11\\_10](http://dx.doi.org/10.14195/1647-8622_11_10)>.
- QUEM vai à guerra. Realização de Marta Pessoa. Lisboa: Real Ficção, 2011. (130 min.), son., color. Disponível em: <<http://www.rtp.pt/cinemax/?article=4087&layout=7&t=Quem-Vai-a-Guerra.rtp&tm=13&visual=2>>. Acesso em: 10 mai. 2016.
- RIBEIRO, Margarida Calafate (Org.). O fim da história de regressos e o retorno a África: leituras da literatura contemporânea portuguesa. In: BRUGIONI, Elena et al (org). *Itinerâncias Percursos e Representações da Pós-colonialidade*. Braga: Edições Humus, 2012, p. 89-99.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-Colonialismo e Interidentidade*. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo

Submissão: 02/09/2018

Aceite: 07/12/2018